

# A EDUCAÇÃO DE UMA PRINCESA: SUA PARTICIPAÇÃO NA VIDA SÓCIO-POLÍTICA DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

*Zélia Sá V. Camurça*  
(da Universidade Federal do Ceará)

(Alocução pronunciada por ocasião da aposição de seu retrato na  
Galeria do Instituto do Ceará, aos 29 de setembro de 1972).

1.

Acertou Max Fleiuss ao cognominar Dona Leopoldina de "A Paladina da Independência" e para ela reivindicar o culto público, nas festas comemorativas da Independência do Brasil. (Calmon, V, 1964: 1497).

Acertou o Instituto do Ceará — Histórico, Geográfico e Antropológico — ao tomar a resolução de prestar uma homenagem condigna à mulher que mais de perto contribuiu para a Independência do Brasil.

Não acertou, porém, o Sr. Secretário Geral em convidar a representante feminina deste sodalício para elaborar, em rápida pincelada, uma alocução sobre a Excelsa Imperatriz

Como diria Indira Gandhi quando indicada para o cargo de Primeiro Ministro da Índia: "Não sou suficiente modesta para dizer que não estou à altura do cargo, porém não sou bastante presunçosa para afirmar que não há ninguém mais capaz de desempenhá-lo". Nesses termos declinou a honraria, porém a expressiva maioria de votos do Partido do Congresso elegeu-a.

Declinamos a honraria, mas elegeu-nos a bondade do Senhor Secretário Geral Dr. Albano Amora primeiro autor desta homenagem à Imperatriz e um incentivador dos mais eficientes, enérgicos e convincentes à participação de todos os membros do Instituto a quaisquer solenidades.

## 2.

A esmerada educação que a Princesa Leopoldina recebeu na Côrte Européia tornou-a apta para o desempenho das mais elevadas funções que a situação de espôsa e colaboradora do Brasil exigiu. Uma educação bastante liberal fez de Dona Leopoldina uma personalidade bem exuberante, às vêzes impetuosa. Uma jovem senhora da mais alta cultura e extraordinária elevação moral.

Extremamente ávida de saber, falava e escrevia bem no seu idioma natal. Igualmente familiar era-lhe o italiano. Também conhecia o francês e sabia falar o inglês. Em chegando ao Brasil, "aprendeu logo o português, que acabou em pouco tempo conhecendo perfeitamente, aprofundando todas as delicadesas do idioma, falando-o e escrevendo-o como o seu natal". Taunay, 1922: 37). Compunha versos alemães cheios de gosto e elegância, era excelente pianista, pintava bem executando primorosas aquarelas. A todas essas demonstrações de aprimorada instrução ajuntava decidido pendor pelas ciências. Comprazia-se em estudar a mineralogia e a astronomia; "...diziam os seus íntimos que tinha reaes conhecimentos de astronomia descritiva". (Taunay, 1922: 37). Com todos esses dotes de cultura e saber se impunha com facilidade ao respeito e veneração gerais. Além de sua vasta instrução e extraordinários talentos, sabia ser delicada, virtuosa, generosa. (Taunay, 1922: 38). Pureza, humildade, bondade, benevolência, caridade eram traços de seu caráter moral e de sua formação religiosa.

Na terra brasileira, seja como princêsa seja como imperatriz, sempre recebeu as maiores demonstrações de amizade. Em aqui vivendo, teve, é certo, problemas pessoais a enfrentar, e as suas atitudes variavam com as circunstâncias e os sentimentos de sua bela alma de mulher ou de sua zelosa posição de espôsa mas também de acordo com a pena de seus biógrafos os quais nem sempre atingiram a um "consensus".

A Princêsa Leopoldina sempre soube acompanhar o seu esposo nos grandes momentos sentimentais (Mello Moraes, 1886: 212), nos momentos dos sacrifícios e nas grandes decisões políticas quando imperatriz.

Segundo Taunay, "deve-lhe, e muito, a gratidão nacional a esta ilustre e sofredora princêsa, que tanto fez pela independência do Brasil, cujo throno sobremodo dignificou". (Taunay, 1922: 40). A participação da arquiduquesa Leopoldina nos sucessos da Independência do Brasil "... só não pode ser descrita com absoluta fidelidade e cópia de pormenores", afirma Oliveira Lima, "porque foi tão pouco espetaculosa quanto a sua vida, toda discreta..." Ajudou de coração a causa nacional, não pela ambição de ser imperatriz mas por finura e alcance de espírito, percebendo a mar-

cha inevitável para a constituição do Império. (Oliveira Lima, 1962: 120). Foi capaz de compreender com clareza o momento histórico e ser decididamente pela causa brasileira. Em suas memórias escritas em 1861, Drumond afirmou que "... a princesa Leopoldina cooperou vivamente, dentro e fora do país para a independência do Brasil. Debaixo deste ponto de vista o Brasil deve a sua memória gratidão eterna". (Oliveira Lima, 1962: 219). E em suas famosas cartas ao Marquês de Marialva, ao Major Schaffer, a José Bonifácio, a Imperatriz soube expressar o seu contentamento de poder dedicar-se ao adiantamento do país. (Oliveira Lima, 1962: 131, 219, 323, 324).

Não somente por ocasião dos fatos que antecederam a Independência do Brasil como os que se lhe sucederam, Dona Leopoldina soube ser possuidora dos dons de comunicação e liderança legítimas, de popularidade e de magnanimidade.

Assim, foram dotes de ornamentação feminina, harmonia de estilo epistolar no seu conjunto, leveza de linhas e graça de forma gramatical a par de uma inteligência privilegiada que fizeram de Dona Leopoldina a heroína da Independência, a mais lídima figura feminina. Não foram punhais, revólveres, bacamartes e canhões as armas utilizadas mas sim a convicção, a visão perfeita do momento a cumprir, a suavidade e argúcia. A tenacidade. O papel e a pena receberam de Dona Leopoldina o desabrochar do sentimento pátrio, a idéia de emancipação, o germe do nacionalismo, a mística da Independência.

Enfim, através dos depoimentos controversos dos vários autores, só nos cabem deduções. Uma conclusão é certa, porém. A Imperatriz, como todo ser humano, possuía personalidade própria com determinantes culturais os mais complexos e condicionantes apropriados. Em todos os fatos e epílogos de sua vida podemos sentir o entrecruzar do psicológico, do sociológico, do antropológico. Costumes da época, "mores" e "folkways". O individual, o social, o cultural. A educação de uma princesa, enfim.

E temos certeza, é o que ela amava, o que defendia; é o que lhe representava todo o mundo seja esse simbolizado pelo marido, lar, amigos, cidade, pátria o que ela, como parte integrante, combateu, repeliu, modificou, transformou. A educação de uma princesa, enfim, e a sua participação na vida política da nação brasileira.